

ARTE EM DIÁLOGO

CRIAÇÃO, PRODUÇÃO, PROCESSO...



Thereza
Miranda



MNBA
Museu Nacional de Belas Artes

**Arte em Diálogo:
Criação, Produção, Processo...**

Thereza Miranda

Palestra realizada em Setembro 2009
Publicação elaborada em Janeiro de 2016

Arte em Diálogo

Edição nº8

ORGANIZAÇÃO E COORDENAÇÃO

Amandio M. dos Santos

Ana Teles da Silva

ORGANIZAÇÃO DO ENCONTRO ARTE EM DIÁLOGO

Claúdia M. Ribeiro

José Rodrigues Neto

Margaret Bugarin

MEDIAÇÃO

Laura Abreu

REGISTRO FOTOGRÁFICO

Lula Perez

AUDIO E VIDEO

Jorgival Freire

Sérgio Alcantara

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Guilherme Sarmiento

Jaime Frajdenberg (estagiário)

AGRADECIMENTOS

Sheila Salewski

Amandio Miguel dos Santos

José Rodríguez Neto

Claudia Lucia Santos (in memoriam)

Andréa Pedreira

Laura Abreu

Mary Komatsu Shinkado

Nelson Moreira Junior

Ficha catalográfica editada pela Biblioteca / Mediateca "Araujo Porto Alegre" do MNBA

M986 MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES, Rio de Janeiro. *Arte em Diálogo: criação, produção, processo....Thereza Miranda*. Apres. Mônica F. Braunschweiger Xexéo. Org. . Ana Teles da Silva e Amandio Miguel dos Santos. Rio de Janeiro: 2015. v.8, 28 p., il p/b.

ISBN: 978-7081-055-7

Palestra e Debate com o artista Thereza Miranda.

1. Arte contemporânea – Brasil. 2. Miranda, Thereza (1928 -). I. Título.

CDD 709.04981

PRESIDENTE DA REPÚBLICA

Dilma Rousseff

MINISTRO DO ESTADO DA CULTURA

Juca Ferreira

PRESIDENTE DO INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS

Carlos Roberto Ferreira Brandão

DIRETORA DO MUSEU NACIONAL DE BELAS ARTES

Monica Figueiredo Braunschweiger Xexéo

Arte em Diálogo

O Museu Nacional de Belas Artes, unidade do Instituto Brasileiro de Museus/MinC, ciente de sua responsabilidade na custódia, acessibilidade e divulgação das artes visuais, vem buscando ações para estimular o interesse do público por capítulos importantes da cultura nacional. Neste eixo foi criado no ano de 2007, o projeto Arte em Diálogo.

O projeto Arte em Diálogo foi desenvolvido para discutir a produção contemporânea brasileira, sua interface e linguagens. Tem como objetivo proporcionar ao público o contato direto com o artista e a sua trajetória, realizando, também, uma visita guiada pelo próprio convidado do projeto, ao seu acervo em exibição na Galeria de Arte Brasileira Moderna e Contemporânea. Todo este processo é documentado – gravado e filmado – e, posteriormente, transformado em uma publicação.

Este volume apresenta o registro da conversa com a gravadora, pintora e fotógrafa Thereza Miranda, realizado em 2009, no Museu Nacional de Belas Artes. Exponente da arte brasileira, Thereza Miranda, frequentou a partir de 1963 o ateliê do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM, que reunia os principais nomes da vanguarda artística moderna. Vivendo e trabalhando no Rio de Janeiro, participou de diversas exposições individuais e coletivas, no Brasil e no exterior. Sua “escrita” é própria, e, agrega em muito dos seus trabalhos a sua experiência como fotógrafa, transformando sua obra em rica documentação iconográfica da paisagem brasileira.

Nossos sinceros agradecimentos a todos que tornaram possível a realização deste projeto, em especial a nossa querida amiga Thereza Miranda e aos técnicos do Museu Nacional de Belas Artes que abraçaram este projeto com dedicação e a Associação de Amigos do MUSEU.

Monica F. Braunschweiger Xexéo
Diretora do MNBA



THEREZA MIRANDA

Laura Abreu: Hoje temos o prazer de abrir a terceira temporada do Arte em Diálogo com a artista Thereza Miranda que vai nos falar da sua experiência de vida e da obra.

Thereza Miranda: Eu não sou de fazer conferência. Estou com 81 anos, gosto de trabalho, mas esse negócio de palestra não é comigo. Dou aula na PUC, tenho 50 alunos por semestre e a minha aula é inteiramente solta. Eu sou contra qualquer formalidade. É a minha maneira de ser.

Eu tenho prazer em estar aqui com vocês, de ver esses dois que foram meus alunos no MAM, Roberto Tavares e Bia Sasso, de ver Maria Pompeu, atriz de teatro que vocês conhecem e minha amiga da vida toda também.

Pelo que observei na minha vida, carioca realmente não gosta de palestras. Eu só vi assistência quando era do Adauto Novaes, lembram? Era no MEC, tinha “Os Sentidos da Paixão”, “O olhar”. Ficava cheio de gente, difícil de se conseguir um lugar. Mas, no geral, eu me lembro da Edith Behring, no tempo que eu estudava no MAM, dizendo - Vamos todos para a palestra senão não tem ninguém para ouvir o palestrante - e saía todo mundo para ouvir o palestrante. É essa experiência que eu tenho. Eu estou pasma de ter essas pessoas aqui. Eu disse para minha neta que seria ela, eu, o Tavares e a Bia. Mas, aí apareceu mais gente.

Mas então, vamos falar um pouco. Eu comecei minha vida no ateliê do MAM. O MAM, vocês sabem, foi fundado pela jornalista Niomar Muniz Sodré em 1959 e se tornou uma marca nessa cidade. Até o incêndio, em 1978, o MAM era uma marca nessa cidade. Tinha muitos cursos, muito teatro, uma cinemateca fantástica, até 78. Aí, as coisas começaram a complicar um pouco, depois do incêndio.

Em 1983, depois do incêndio, eu comecei a dar aula no MAM, no ateliê onde estudei. E depois fechou tudo. Fecharam e depois não abriram mais para cursos. E aí veio toda essa complicação de violência na cidade, as pessoas com medo de atravessar a passarela, de assalto, e até hoje não se encontrou uma solução no MAM. Acredito que para uma instituição privada seja muito complicado.

Mas, voltando ao que estava falando, eu comecei, estudei, 10 anos no MAM. Meu grande mestre não é mais vivo, chamava-se Walter Marques. Foi com ele que aprendi tudo na minha vida. Era um mestre perfeito,



"Série Multidões II" (Gravura em metal) - 48 x 39 cm (1975)

absoluto, excelente em todos os sentidos. Infelizmente, esse rapaz morreu, suicidou-se e foi embora. Com ele eu aprendi tudo o que sei de técnica, de composição, de amor pela arte, de amor por tudo, pelo passado. Ele tinha um conhecimento enorme de tudo e foi para mim um mestre mesmo. Eu senti muito a morte dele.

Eu não acredito que você veio Adir. É uma honra. Esse é Adir Botelho, um dos grandes gravadores brasileiros, é uma honra recebê-lo aqui. Obrigada.

Em 69, na primeira vez que fecharam os cursos, eu fui para um ateliê junto com Anna Bella Geiger, fizemos um ateliê juntas.

E, depois, eu fui caminhando. Minha primeira exposição foi em 69, numa pequena galeria de gravura que tinha na Praça General Osório chamada Galeria Goeldi, dirigida por um crítico muito conhecido chamado Clarival Valladares. Era uma galeria, sobretudo de gravuras. A vida de gravador que eu peguei era muito mais fácil do que a vida do gravador hoje, porque a gravura tinha muita importância naquela época.

Por exemplo, a Carmem Portinho, diretora do Museu de Arte Moderna na época, pegava as gravuras, punha numa pasta e saía com elas por aí. Ia para o

exterior e levava para tudo que era Bienal. Com isso ela conseguiu dar um destaque muito grande para o papel. Hoje é uma luta porque as coisas foram caminhando de tal maneira que o papel foi sumindo do mercado. É uma coisa impressionante.

Quando eu era jovem e estava começando, eu vendia uma gravura para estudante e eles metiam cheque por baixo da porta do meu ateliê na Urca. Nunca tive nenhum estudante que deixasse de pagar a maneira dele. Só levei na cabeça com gente de dinheiro. Gente que não tinha dinheiro pagava tudo certinho. Nunca tive problema nenhum. O que compravam de gravura no meu tempo era outra coisa.

Hoje é muito difícil realmente. A aquisição de material é caríssima. Você tem que conseguir tudo através da Casa do Artista de São Paulo. Cada folha de papel custa no mínimo R\$ 20,00 e o papel "canson" fabricado aqui é péssimo, com muito mais cola do que celulose. Você tem que comprar as tintas e a tinta Charbonnel não chega mais aqui no Rio. Tudo muito difícil.

Os meus alunos da PUC, eu vou fazer 39 anos de PUC, eles não são gravadores, são estudantes da área de design, então eles vão ser designers.

O Bruno, por exemplo, foi meu aluno há 20 anos atrás quando existia um bêabá de gravura. Tinha água-forte, água-tinta, e olhe lá. Eles aprendiam a distinguir o que é uma gravura, o que é uma lito, o que é uma xilo, entendeu? Agora na PUC eu ensino metal e alguns amigos meus que fazem xilo, tem ido lá me dar uma mão na parte de xilo, porque eu não sou uma xilogradora, eu sou uma gravadora em metal.

Mas, então continuando, eu tive sorte. A minha mãe me deu um atelier na Urca onde eu fui fazer minha gravura com toda a paz e sossego. Não tinha problema, tocava a vida. Era tudo muito mais fácil do que hoje, nem se compara. Depois, vocês não vão acreditar, uma aluna minha do MAM, eu nem sabia que ela tinha me indicado... Um dia eu estava no meu atelier na Urca e eu recebi um telefonema de um senhor que precisava conversar comigo e ele foi lá em casa, entrou e disse: olha, eu sou do Estaleiro Verolme e preciso de uma edição sua... Você chegava assim em julho e recebia uma porção de encomendas para o fim do ano, edição de 50, edição de 30, eu perguntei: de quanto? Já era agosto. Ele disse: eu preciso de 2.500 gravuras. Eu fingi que era a coisa mais comum do mundo. Pois não, para quando o senhor precisa? Eu quero isso tudo para 30 de novembro, pronto. Eu disse: mas não pode ser uma chapa só. Vou precisar fazer

pelo menos 4 chapas, uma chapa só não agüenta tudo isso. Ele concordou. O Tavares foi morar no meu ateliê e a gente virava aquela prensa noite e dia. E no dia 30 de novembro entregamos as 2.500 gravuras.

Com isso, eu vendi o meu ateliê da Urca. Eu fui criada na Urca. Meu pai foi o segundo morador da Urca. Minha mãe estava muito idosa e a casa da Urca era de dois andares, então se mudou para Ipanema com a minha irmã. Quando minha irmã viajou, eu ficava da Urca para Ipanema e quando já não agüentava mais aquilo arranjei um ateliê perto dela. Com o dinheiro da Verolme, mais a venda do ateliê, eu comprei o apartamento em Ipanema em que moro até hoje, perto do Jardim de Alá. O dinheiro da edição de gravuras me deu um apartamento antigo legal, com sala, 3 quartos, garagem, 2 banheiros, num edifício de 4 andares em Ipanema. Comprado graças a essa edição do Verolme graças a essa moça que foi minha aluna no MAM e me indicou para o Verolme. Foi assim que esse negócio saiu.

Agora eu voltei a pintar. Eu comecei pintando aos 16 anos com um professor da Escola de Belas Artes chamado Carlos Chamberlain, um pintor. Ele dava aulas num ateliê na Rua da Assembléia. Tinha uma perfumaria chamada Kanitz, o ateliê ficava em cima dessa perfumaria. Era um método bem bonito, começava com o carvão, ficava um ano no carvão. Depois começava a pintar só com cor sanguínea, depois só duas cores até entrar na cor. Era um homem de cabeça branca, muito simpático, muito gentil. Eu comecei com ele levada pela Maria Cecília Oliveira. Ela era pintora. Hoje em dia não pinta mais, mas era uma ótima pintora. Depois eu resolvi fazer gravura.

Quando o meu filho mais moço foi para o colégio, eu fui para o ateliê do MAM trabalhar. Acho que você na vida, com relação à arte, tem que trabalhar porque esse negócio de inspiração é pura conversa. Você tem que meter a cara no trabalho e suar mesmo, trabalhar muito para chegar a alguma coisa, senão não chega mesmo. Eu pelo menos, batalhei para conseguir um lugar.

Por que estou aqui falando? Porque eu estou com 81 anos. Eu ficava olhando aquela porção de chapas minhas e pensava: o que os meus filhos vão fazer com essas chapas todas? Eu não quero ir embora e dar trabalho para os meus filhos; que não tenham nenhum trabalho comigo. E aí, eu conversei com Monica Xexéo e disse que queria doar minhas chapas para o Museu e ela disse que teria a maior honra em recebe-las. Pois então minha querida eu vou passar

dois meses classificando essas chapas todas, vou te mandar, e assim foi feito. Mandei as chapas todas para cá. Está tudo aqui agora. Não é Laura? Porque o que os meus filhos vão fazer com elas? Vou fazer o que com essas chapas da mamãe? Vender a quilô? É muito difícil. Nenhum dos dois está no meio da arte, meu filho é engenheiro e minha filha foi bailarina clássica do Municipal, os dois trabalham, e o que iam fazer com essas chapas? Então essa parte ficou decidida. Eu posso ir embora sem dar trabalho para ninguém.

Perfil das Montanhas do Rio – 50cm x 2,20 (2006) – Entrada do Mar –
Thereza Miranda

Eu tive uma experiência fantástica, na semana passada. Quando Maria Bethânia veio para o Rio, eu tinha uma amiga chamada Theresa Aragão que foi quem trouxe Bethânia para o Rio. A Nara teve um problema nas cordas vocais e indicaram para Theresa uma moça baiana que cantava para substituí-la. Então a moça baiana veio com o irmão porque o pai não deixou vir sozinha. E o irmão era o Caetano. Ela veio e quando abriu a voz cantando Carcará o lugar ficou sendo dela.

Então, conheço Bethânia a vida toda e ela me convidou a ir para os 102 anos da Dona Cano na semana passada. É um fenômeno da natureza a mãe dela. De bengalinha, andando tudo com aquela porção de filhos, netos e bisnetos, uma coisa fantástica, um fenômeno, e isso impressiona porque, depois da tal missa, tem um caruru em que a porta da casa fica aberta e a população toda de Santo Amaro vai comer o caruru. Eu nunca vi uma multidão assim. Eu não encontrava as pessoas porque era uma multidão. E dançando, música tocando, a maior festança. E aquela mulher de 102 anos.

A vida da gente aqui no Rio é diferente. Vivemos uma vida muito estressada, mas eu fiz uma coisa certa na minha vida, eu nunca deixei de fazer esporte na minha vida. Joguei tênis depois dos 18 anos, corri na beira da praia mais de 20 anos, hoje ando diariamente 4km, chova ou faça sol, ando diariamente. Ando no calçadão. Isso faz com que você tenha energia e vontade de viver. Porque a pessoa que não cuida de si mesmo está perdida. Eu falo isso para os meus netos, tem que fazer exercício. Só querem ir para a Lapa e essas coisas aí. Fazer exercício é difícil. Tem que fazer. É como escovar os dentes. Se não tiver aquilo como hábito, não faz nunca.

Mas, voltando. Um dia, minha mãe morava na Urca, e fui visitá-la, almoçar e, quando estava tirando meu carro da garagem, passou uma moça e

eu quase que atropeliei a moça. Uma moça bonita, mas gorda, que olhou para mim e disse: você não se lembra de mim? A gente jogava vôlei na praia. Eu fiquei pensando quantos anos fazia que eu não jogava vôlei na praia.

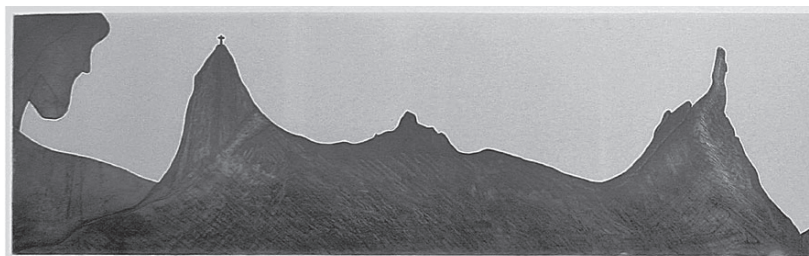
Ela disse: olha, eu acompanho a sua carreira. Você não quer uma bolsa para Londres? Eu disse: claro que quero. E ela: então faz o seguinte, amanhã você vai ao Conselho Britânico. O Conselho Britânico ficava na esquina da rua da casa da minha mãe. Tinha a casa da minha mãe, uma casa e o Conselho Britânico. Passa lá amanhã de manhã que eu vou falar com o adido cultural para te receber. Eu disse: tudo bem.

No dia seguinte de manhã fui lá. Cheguei lá, a moça era telefonista. Aí eu fiquei pensando, como essa moça que é telefonista, vai me arranjar uma bolsa para Londres? Ela disse: senta aí que ele já vai te receber. Ele me chamou e perguntou: “onde é o seu atelier?” Eu disse: é aqui na Urca, na rua São Sebastião. Vamos lá. Ele olhou o meu trabalho. Eu perguntei: o senhor quer um currículo? Não quero currículo não. Eu quero três slides seus, você entrega lá para a telefonista. Eu disse: tudo bem.

Eu vou abrir um parênteses aqui. Eu tive o privilégio de trabalhar com duas pessoas fantásticas na minha vida. Uma foi o arquiteto Henrique Mindlin, com quem eu trabalhei muitos anos. O outro foi o designer Aloísio Magalhães, com quem trabalhei também muitos anos. Depois que o Mindlin morreu, fui trabalhar com o Aloísio. O Aloísio, um dia, quando cheguei no escritório, disse: você tem que ir a Curitiba me representar, vai ter um simpósio lá e eu não vou poder ir. E eu fui a Curitiba.

Quando eu voltei a minha mãe disse: Não param de telefonar para você do Conselho Britânico. Cheguei lá e tinham me dado uma Bolsa.

Perfil das Montanhas do Rio - 50cm x 2,20 (2006) - Entrada do Mar



Passei um ano em Londres, em 1974, estudando fotogravura. Queria saber como se fazia, eu via nas revistas de arte e queria saber fazer. Passei um ano no Croydon College, na área de fotogravura. Para mim foi uma abertura enorme.

Eu me lembro que quando voltei, os gravadores em geral são muito ortodoxos, o pessoal dizia assim: Quando é que você vai fazer gravura de novo? Respondi: É o que eu estou fazendo agora. Eles: isso não é gravura, isso é fotografia.

Tudo na vida acontece sempre por acaso comigo. Voltei de Londres, em 1975, em 76 teve o Salão Nacional de Arte Moderna. Uma amiga minha disse para mim: “Você não vai mandar?” Disse: “Não vou mandar não. Já mandei tantas vezes, não vou mandar não”. Ela pegou três gravuras na minha casa, sem eu saber, emoldurou e mandou para o Salão. Quando eu cheguei no MEC, ali onde é o Ministério da Cultura, tinha quadro desde o rodapé. Os meus quadros, três fotogravuras, estavam no rodapé. Uma estava de cabeça para baixo. Eu cheguei e virei. O júri era: Iberê Camargo, Flávio de Aquino e Carmen Portinho.

Nessa época tínhamos uma firma só de gravura em Copacabana chamada Gravura Brasileira. Cada uma dava uma cota de trabalho. Estava no meu dia e me telefonou um rapaz que tinha ganhado o prêmio de viagem ao exterior do ano anterior, e dizendo: “Tereza, você ganhou o prêmio viagem ao exterior”. Eu disse: “O que?” “Você ganhou, minha filha. Não está sabendo?” “Não, não estou sabendo. Não amola”. Ele foi e disse: “estou te dizendo que você ganhou o prêmio. Está aqui exposto na coluna o teu nome”. Aí eu surtei...

Pensei no que gostaria de fazer e decidi aprender mais litografia. Eu estava fazendo litografia em São Paulo onde tinha uma ótima gráfica, a Ymago do Elcio Mota. Em São Paulo, eu me hospedava na casa de Renina Katz, uma grande gravadora, muito minha amiga. Disse para ela: “Eu vou escrever para Garo Antreasian, autor do livro chamado The Tamarind Book of Lithography: Art and Techniques, uma bíblia para os litógrafos, e perguntar se eu posso trabalhar com ele”. Aí ela disse: “você é muito maluca, você acha que esse homem te responde?” Eu disse: “ele pode responder, pode não responder. Eu vou experimentar, vou escrever”. Ele não só me respondeu como me convidou para trabalhar com ele. Trabalhei com ele um ano, na cidade de Albuquerque, no estado

do Novo México, onde tem um grande centro de litografia chamado Tamarind; lá eu fiz um ano litografia com ele.

Depois fui para Nova York me encontrar com o grande gravador brasileiro, que já se foi, chamado Roberto Delamonica. Era um gravador extraordinário que foi para Nova York e lá ficou o resto da vida até morrer. Lá eu fazia gravura com ele e fazia fotogravura com Margot Lovejoy, para melhorar ainda mais os meus conhecimentos.

Esse foi o meu caminho...

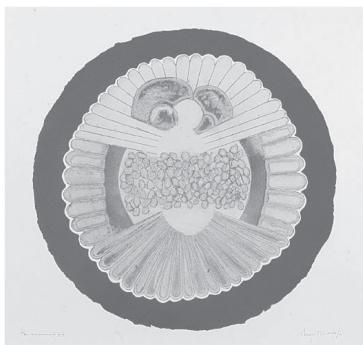
Tinha um grande amigo que foi o Glauco Rodrigues, que dizia quando essas coisas me aconteciam: “você está com a bunda virada para a lua Thereza, vou te contar”. Foram coisas que foram se sucedendo. E assim foi a minha vida de luta e de tudo mais.

Hoje nós temos um ateliê ali na Glória; porque, depois que o ateliê do MAM acabou, a gente ficou sem ter onde trabalhar. Estamos abrindo na Glória. Chama-se Villa Venturoza, onde o Tavares trabalha, a Bia, a Ana Carolina. É um lugar muito agradável, cada um levou o que tinha e estamos todos trabalhando ali.

Fora isso eu tento passar um pouco do meu conhecimento para os meus alunos da PUC. Como eu falei, eles vão ser designers, não vão ser gravadores. Fico torcendo para que o papel volte a ser respeitado como era porque, com o advento



“O mistério das antigas estações” - Tiradentes - 40cm x 51 cm (gravura em metal) - 1985



“Nova Germinação XXVI” - medindo - 51cm x 51 cm

das instalações – eu não tenho nada contra instalações, eu vou a todas essas exposições, me dou com eles todos, conversamos – o papel foi esquecido...

Eu não gosto de citar nomes, mas uma amiga minha levou uma Fayga para ser leiloada e eles disseram: “nem pensar. Essa mulher já morreu”. Nem sabiam quem era Fayga. Fayga Ostrower foi uma marca da nossa gravura, uma mulher do maior conhecimento. A falta de cultura é tão grande que você fica com pena de ver isso tudo acontecer. Antigamente era diferente. Havia pintura, havia gravura, havia escultura. Hoje se você fala em papel, ninguém quer nem ouvir falar, não querem nem saber.

No ano passado, quando fiz 80 anos, fiz uma retrospectiva no MAM. O meu curador, eu tive até muito orgulho, foi um aluno meu de gravura no MAM, mas que nunca foi um gravador. Ele estudava gravura comigo, e estudava arquitetura também. No fim de um ano eu disse: “isso aqui não é a tua praia. Volta para tua arquitetura porque você não vai ser gravador mesmo”. Porque eu não engano aluno não, digo logo. Ele foi fazer arquitetura, depois caminhou, hoje é um curador, chama-se Franklin Pedrosa e foi o curador da minha exposição. A produção foi da Marta Pagy que durante muitos anos dirigiu a parte de artes plásticas do CCBB.

Eles me deram a idéia e fizemos a Retrospectiva no MAM. Para mim foi uma coisa que me impressionou muito, porque a inauguração foi no dia em que eu fazia 80 anos. Gilberto Chateaubriand foi sempre muito meu amigo e disse: “vai ser no dia dos 80 anos”. Mas o curador da época do MAM Reynaldo Roels, que faleceu há pouco tempo, [...] “Vai abrir segunda-feira porque são os 80 anos dela”. Nós tivemos mais um problema porque os Correios estavam em greve,

mas as coisas acontecem [...] Muitos artistas estiveram lá e sabem, era uma multidão no dia da minha exposição. Eu fiquei pasma, está parecendo Bienal! Eles começaram a contar e pararam em 2.000. Tinha mais de 2.000 pessoas! Teve bastante imprensa, graças a Deus. A coisa deu certo.

Então, o negocio foi esse ... Aconteceram algumas coisas, sou viúva, tenho um casal de filhos. Tenho dois netos. Minha neta está aqui, o outro está no colégio. Minha neta faz PUC, está fazendo psicologia.

O resto eu vou tocando. Quero agradecer muito ao Museu de Belas Artes por ter recebido as minhas chapas, fiquei muito contente e só espero que a gravura volte a ter o período de glória que teve, respeito que hoje falta muito, porque as pessoas esqueceram que existe papel.

Eu vi há pouco tempo a exposição de desenho da Maria Leontina, na Caixa Cultural, uma das coisas mais lindas que eu tenho visto ultimamente. Foi uma exposição lindíssima! Uma amiga disse para o Alexandre, filho dela: "me vende um desenho só". Ele disse: "nem morto isso é a minha mãe".

Tem pessoas como, por exemplo, José Mindlin, meu grande amigo, hoje com 94 anos, que é o maior colecionador de gravuras nesse país. Ele também é o maior bibliófilo da América. Um homem com um desprendimento tão grande que recebendo ofertas do mundo inteiro, doou toda a coleção para a USP. Se tivéssemos cinco José Mindlin talvez esse país fosse melhor, talvez houvesse mais respeito pela educação, pela cultura. Se as pessoas estudassem um pouco, mas, infelizmente, os exemplos lá de cima não são os melhores. Eu acho que sem educação esse país não vai para frente. Eu discordo um pouco do presidente que acha que chegou a isso sem estudar, mas acho que o país precisa de mais estudo que toque ele para frente. Isso, na minha maneira de ver, talvez fosse melhor.

Agora eu queria mostrar umas gravuras, das que estavam no MAM. Isso aí é bem antigo, sabe, é de 1967, de quando eu comecei a expor. Tudo é metal. Por enquanto não tem fotogravura.

Para um pouquinho aí. Com essa gravura eu tive uma emoção enorme. Em 1974, eu estava fazendo uma coletiva numa galeria em Londres e vi uma revista com minha gravura na capa. Aí minha perna tremeu na hora e quando cheguei na faculdade fizeram uma festa para mim. Foi muito bom.

Agora já começa a entrar fotogravura, está vindo aí no meio? Aquele



Thérèse Miranda
"Germinação XIII" - 61 cm x 12cm
(1969)

círculo é fotogravura. Foram as viagens que eu fiz pela América Latina, fotografando tudo. Bolívia, Peru, Chile.

Foi com essa gravura que eu ganhei o prêmio de "viagem ao exterior" do Salão de Arte Moderna, quando eu voltei de Londres. Eu me lembro que o Iberê disse assim para mim: "olha aqui, eu estou te dando esse prêmio porque você trabalhou muito na sua vida e porque eu quero ver no que vai dar essa sua fotogravura. Anos depois, ele me disse: "Deu certo, né?". No fim deu certo.

Essa gravura tem um negócio engraçado. No Galeão tem um quarto para o Presidente da República. Nesse tempo era o Médici. Um arquiteto comprou umas gravuras minhas para por nesse lugar. Essa gravura estava em cima da cama do general. Um dia, esse arquiteto me disse: "eu preciso de uma gravura urgente para substituir a que está lá. Ele não admite esse tipo de gravura em cima da cama dele de maneira nenhuma. Ele acha um absurdo terem posto isso" O problema dele, chamava-se o Vale da Lua... Agora, se ele achou que isso era um pênis, é problema da cabeça dele.

Isso já é a Ilha de Páscoa. Eu estive lá há muitos anos atrás.

Isso é carnaval. Eu gosto muito de carnaval, sabe gente? Eu saí 20 anos na Mangueira. Sou uma mangueirense doente e sou uma botafoguense doente.

Aí já é uma parte que eu lembro muito do Mindlin e do Aluísio Magalhães porque ambos lutavam muito pela nossa memória. Tem uma fase muito grande de Maranhão, de Minas, do Rio, de toda essa parte colonial. Como essa

entrada de Alcântara, no Maranhão.

Aí já é o Rio, o Albamar, o Teatro Municipal. Como está lindo, não é? A cúpula toda restaurada está uma beleza.

Tiradentes. O rio das Mortes em Minas.

Agora, uma bem mais recente, da exposição Paisagens. O Ferreira Gullar, que é uma pessoa que gosta de papel, disse quando eu fiz uma: “Você é louca de colocar tanta paisagem. Vê lá o que vai dar”. Eu disse: “Vai dar certo. Você vai ver”.

Essa é o encerramento da minha carreira de gravadora. Essa gravura tem 2,20 m. Foi uma loucura fazer essa gravura. Essa, não é fotogravura não, é desenho mesmo. Essa gravura para imprimir é muito difícil. O Agustinho, meu impressor, é a prova de que na vida, a pessoa quando quer chega lá. Ele limpava o chão do meu ateliê na PUC. Trabalhou 27 anos comigo lá. Hoje ele é o melhor impressor do Rio de Janeiro. Tem um ateliê lá em Vargem Pequena. Leva 3 horas para imprimir essa gravura. A prensa tem 1,20 m e a gravura tem 2,40 m então, quando se começa a imprimir, se torce para dar certo. É uma trabalhadeira de cão. Só tem 20 exemplares dessa gravura. Já foi vendida uma grande parte, graças a Deus.

Isso é o final da minha carreira de gravadora. Daqui em diante eu vou pintar porque fazer gravura é um negócio muito cansativo. Tem que ter saúde e eu já estou com 81 anos. Agora eu vou pintar. Vou reimprimir sem pressa, aos poucos e tudo bem.

Acabou. (palmas)

Laura Abreu: Alguém quer fazer alguma pergunta?

Thereza Miranda: Pode perguntar gente. Ninguém nunca pergunta nada, eu sei. Se alguém quiser perguntar, não tem problema. Se alguém quiser falar alguma coisa...

Público: Você gosta de pintar ou de gravar?

Thereza Miranda: Eu gosto mesmo é de fazer gravura, mas acontece que a idade está chegando e é muito cansativo para mim. Às vezes eu vou lá no ateliê dele em Vargem Pequena, mas eu fico muito cansada. Gravador precisa ter muita saúde e força física. Eu já não tenho tanta força. Então, prefiro pintar que gravar. Eu já fiz a gravura que eu queria grandona e agora vou imprimindo devagar.

Laura Abreu: Alguém quer perguntar mais alguma coisa?

Tereza Miranda: não todo mundo já ouviu de mais.



Visita de Thereza Miranda no MNBA depois da Palestra



Arte em diálogo com Thereza Miranda



A artista com Laura Abreu



Adir Botelho à esquerda Thereza Miranda no centro
Pedro Xexéo a direita

TRAJETÓRIA

Tereza Miranda, nascida no Rio de Janeiro em 1928, frequentou o Ateliê de Gravura do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, tendo sido aluna de Ana Letícia e Valter Marques, de 1963 a 1969. Uma bolsa do Conselho Britânico a levou, em 1974, a Londres, a fim de aperfeiçoar seus conhecimentos, na Croydon College of Art. Em Londres, aprende e aprimora a técnica da fotogravura, que se tornará marca de sua produção artística. Em 1976, recebeu o Prêmio de Viagem ao Estrangeiro, no Salão Nacional de Arte Moderna. No ano seguinte, partiu para Nova York, onde estudou gravura em metal com Roberto Delamonica, na New School for Social Research, com Margot Lovejoy no Pratt Institute, em 1978. Tereza Miranda foi, também, professora de gravura, de 1974 a 1996, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, de 1983 a 1986, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de Fotogravura de 1990 a 1992 e 1996, no Ateliê Livre de Porto Alegre, RS, e foi diretora do Centro de Artes Calouste Gulbenkian, RJ, de 1996. Desde 1969 realizou exposições individuais, entre elas as no Rio de Janeiro, São Paulo e Milão. Das exposições coletivas que participou citamos o Salão Universitário de Gravura, em Córdoba, Argentina, em 1966, a III e IV Bienal Panamericana de Gravura em Santiago do Chile, em 1968 e 1970, neste último ano a Bienal de Gravura em Florença, Itália, em 1975 a mostra Gravura Brasileira em Bremen e Mannheim,

Alemanha e Art Graphique du Brésil, Paris, França e, em 1989, El Grabado Brasileño Contemporáneo, em San José, Costa Rica.

FORMAÇÃO

- Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro - atelier de gravura em metal com Walter Marques, 1963 a 1969.
- Croydon College of Art, Londres - fotogravura com Denis Mazi, 1974.
- University of New Mexico, Albuquerque (EUA) - litografia com Garo Antreasian, 1977.
- New School, Nova Iorque - gravura em metal com Roberto Delamonica, 1978.
- Pratt Institute, Nova Iorque - fotogravura com Margot Lovejoy, 1978.

PRÊMIOS PRINCIPAIS

Salão Nacional de Arte Moderna - prêmio Latt Mayer, 1970; isenção de júri, 1971; viagem ao país, 1972; viagem ao exterior, 1976.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS

Galeria Goedi - Rio de Janeiro, 1969.
Galeria I.A.B. - Porto Alegre, 1969.
Studio D'Arte Grafica - Milão, 1970.
Galeria Contorno - Rio de Janeiro, 1974.
Galeria Graphus - São Paulo, 1979.
Caixa Econômica - São Luís do Maranhão, 1980.
Universidade Federal do Espírito Santo - Vitória, 1981.
Galeria Bonino - Rio de Janeiro, 1982.
Museu Gulbenkian - Lisboa, Portugal, 1982.
Centros de Estudos Brasileiros - Assunção (Paraguai), 1983.
Galeria Bonino - Rio de Janeiro, 1986.

Galeria Cândido Mendes (Ipanema) - Rio de Janeiro, 1994.

Centros de Estudos Brasileiros - Buenos Aires, 1997.

Centro Cultural Banco do Brasil - Rio de Janeiro, 1998.

Casa de Cultura Laura Alvim - Mostra Rio Gravura, Rio de Janeiro, 1999.

Museus Castro Maya-Chácara do Céu - Rio de Janeiro, 2000 - Rio de Janeiro, 2000.

Museu de Arte Moderna - Rio de Janeiro, 2008 - Retrospectiva

Embaixada Brasileira - Buenos Aires, 2008 - Retrospectiva

EXPOSIÇÕES COLETIVAS NO EXTERIOR

Bienal Panamericana de Gravura - Santiago (Chile), 1968 e 1969.

Bienal de Gravura - Cracóvia (Polônia), 1968 e 1970.

Arte Contemporânea Brasileira - Milão, Brescia, Haia, Genebra e Barcelona, 1970.

Bienal de Gravura - Bradford (Inglaterra), 1970/1972.

Bienal de Gravura - Florença (Itália), 1970.

Bienal de Porto Rico - San Juan, 1970, 1972, 1974 e 1979.

Arte Gráfica do Brasil - Musée Galliera, Paris, França, 1975.

Bienal de Tóquio - Japão, 1979.

Bienal Ibero-Americana - Cidade do México, 1980.

COLEÇÕES

Museu de Arte Moderna - Rio de Janeiro.

Senado Federal - Brasília.

Biblioteca Nacional - Rio de Janeiro.

Museu Nacional de Belas Artes - Rio de Janeiro.

Ford Foundation - Rio de Janeiro.

Museu de Arte Moderna - São Paulo.

Banco Lar Brasileiro/Chase - Rio de Janeiro.

Banco do Brasil - Rio de Janeiro.

Gilberto Chateaubriand - Rio de Janeiro.

Kunstalle - Bremen (Alemanha).

José E. Mindlin - São Paulo.

George Kornis - Rio de Janeiro.

BIBLIOGRAFIA

Pontual, Roberto - Dicionário Brasileiro de Artes Plásticas, Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1969.

Grande Enciclopédia Larousse (2ª edição) - Rio de Janeiro, 1973.

Art Review (capa) vol. XXVI, nº 12 - Londres, 14/6/1974.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

Gravura e ilustração - Pontifícia Universidade Católica (PUC), Rio de Janeiro, desde 1974.

Gravura - Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 1983 a 1986.

Fotogravura - Atelier Livre, Porto Alegre, 1990, 1991 e 1992.

COLABORAÇÕES

Henrique Mindlin Arquitetos Associados, 1969 a 1971.

Aloísio Magalhães (PVDI), 1971 a 1973.

Diretora do Centro de Artes Calouste

Gulbenkian - Prefeitura da Cidade do Rio

de Janeiro, Secretaria Municipal de Cultura, 1993 a 2000.

Museu Nacional de Belas Artes

Assessoria de Imprensa

Nelson Moreira
Felipe Naus (estagiário)
Caroline Amendola (estagiária)

Coordenação Técnica

Daniela Matera Lins Gomes
José Antonio Patané Filho
Amanda Cavalcanti (estagiária)

Curadoria de Escultura

Eurípedes Gomes da Cruz Junior

Curadoria de Novas Mídias e Arte Africana
Daniel B. da Silva

Curadoria de Pintura Estrangeira

Anaildo Baraçal
Juliana dos Santos (estagiária)

Curadoria de Gravura

Laura Abreu

Coleções Especiais

Mauro R. Dias

Sistema de Informações do Acervo do Museu Nacional de Belas Artes – Simba

Valter Gemente

Seção de Registro

Cláudia Rocha
Cinda Lúcia de Alcântara
Anna Beatriz Bertozzini

Núcleo de Imagem

Vicente Oliveira do Carmo

Biblioteca

Mary Shinkado
Ângela Teles
Júlia Bastos
Márcia Loureiro Pires Rebelo
Vicência Mendes
Pollyana Suassuna Sales
Lusia Soares
Mayllon Carvalho de Amorim (estagiário)

Arquivo Histórico

Thais Freitas

Coordenação de Conservação e Restauração

Larissa Long
Antônio Carlos dos Santos Oliveira
Jadir Pinheiro de Souza
Antônio Carlos Brandão (estagiário)

Restauração Pintura

Larissa Long
Valéria de Azevedo Moreira Rivera
Adelaide Ferreira (estagiária)

Reserva Técnica

Nilsélia Monteiro Diogo
Cláudia Ribeiro

Coordenação de Comunicação

Amandio Miguel dos Santos

Comunicação Visual

Guilherme Sarmento
Jaime Frajdenberg (estagiário)

Difusão Cultural

Ana Teles

Exposições Temporárias

Lucia Ibrahim
Octavio Fideles (estagiário)

Seção Educativa

Simone Bibian
Rossano Antenuzzi
Henrique Guilherme
Reginaldo Tobias
Raissa Souza (estagiária)

Coordenação Administrativa

Cláudia Regina Pessino

Financeiro

Adriana Fontes Lavinias

Recursos Humanos

Priscila de Araújo Silva Pinheiro
Ana Carolina (estagiária)

Apoio Administrativo

Edemilson Barbosa
Jose Rodrigues Neto

Almoxarifado

João Carlos Esteves
Jorgival Freire

Patrimônio

Waldir Luiz Lane

Licitação e Compras

Lúcio Roberto

Protocolo

Sérgio Alcântara
Paulo Roberto da Silva

Segurança Interna

Hindheburgo Alves da Silva
Ilmar de Barros
Janilson dos Santos Vieira
Luiz Carlos Alves Bazerra
Wagner Vasques
Pedro Ulysses da Penha

Manutenção Predial

Altair Dantas
Armando Carvalho Manhães

Conselho Científico de Exposições

Amandio Miguel;
Antônio Grosso
Daniel Silva;
George Kornis
Ivan Sá
Luciano Migliaccio
Morris Braun
Pedro Xexéo
Renato Lessa
Sheila Salewski
Suzana Queiroga
Thereza Miranda
Walter Goldfab

Associação de Amigos Pró-Museu Nacional de Belas Artes

Presidente: Embaixador Alberto da Costa
Vice Presidente: João Pinho
Carlos Dimuro
Diógenes Campos
Gustavo Ribeiro
Morris Braun
Vasco Mariz
Maria Tereza Taunay
Geraldo Carneiro
Ivan Coelho de Sá

Quadro funcional em 2009, ano de realização desta edição do Arte em Diálogo:

Monica Figueiredo Braunschweiger	Jorgival Freire	Estagiários
Xexéo (Diretora)	José Patané Filho	Fábio Dias do Amaral Cardoso
Adilson da Silva	José Irmão	Juliana Silva Matos
Adriana Mattos Clen Macedo	Jose Neto	
Alessander Batista De Souza	Jovelino Roque Filho	Conselho Consultivo do MNBA
Alexandre Henrique Monteiro	Júlia Turano Bastos	Claudia Lúcia de Suza Moura
Guimarães	Juvenal da Costa Valadares	Santos
Aline Carreiro	Larissa Long	Laura Maria Neves de Abreu
Altair Dantas	Laura Abreu	Nancy de Castro Nunes
Amanda F. Gomes	Lúcio Roberto Machado	Nelson Moreira Junior
Amandio Miguel	Luis Carlos Gonçalves dos Santos	Pedro Martins Caldas Xexéo
Amauri Rodrigues	Luiz Silva de Mendonça	Rossano Antenuzzi de Almeida
Ana Carolina Gomes	Lula Perez	Sheila Salewski
Anaildo Baraçal	Lusia Soares	
Andrea Pedreira	Manuela Pita dos Santos	Associação de Amigos – Pró Belas
Ângela Cirene	Márcia Loureiro Pires Rebelo	Artes
Armando Manhães	Mario Degle Esposte	Carlos Roberto vieira (presidente)
Benvinda Ribeiro	Mario Luiz Degle Esposte	Ivan Coelho de Sá (vice-presidente)
Bruno da Silva Fernandes	Mario Luiz Pinto Rodrigues	Cecília Fernandes Conde (diretora
Carlos Augusto Lorenzo	Marisa Rodrigues	financeira)
Carlos Correia	Mariza Guimarães Dias	Jussara Galleguillos (assistente da
Carlos Silva	Mary Komatsu Shinkado	diretoria)
Celeste Campos	Mayra Morgado	Eliane Nascimento (secretária)
Charles Rangel	Moacyr Santos Silva	Marina Araújo (apoio)
Cinda Alcântara	Nancy de Castro Nunes	
Cirlei Vianna	Nelson Moreira Junior	
Claudia Santos	Nilsélia Diogo	
Cláudia Pessino	Patrícia Bezerra Leite	
Cláudia Ribeiro	Paulo Roberto da Silva Gomes	
Cleide Martins	Pedro Martins Caldas Xexéo	
Cristina Bastos	Pollyana Suassuna Sales	
Delacy de Mello	Priscila Silva	
Demétrius Soares	Reginaldo Tobias de Oliveira	
Edemilson Barbosa	Ricardo Moraes	
Eli Muniz	Robson Simões de Carvalho	
Elizabeth Pereira	Rossano Antenuzzi	
Fabio Cardoso	Sérgio Alcântara	
Fatima Loroza	Sheila da Silva	
Fernando Almeida	Sheila Salewski	
Gabriela Sarmento	Valéria Garcia Sellanes	
Geisa Souza	Valter Gilson Gemente	
Guilherme Sarmento	Vicência Mendes	
Henrique Guilherme	Vicente do Carmo	
Hindheburgo Silva	Vinicius M. dos Santos	
Ilmar Albuquerque	Viviane Silveira	
Jadir Pinheiro	Wagner Vasques	
Janayna Braga	Waldir Luiz Lane	
Jane Ritter	Waldir Luiz Lane	
Janilson dos Santos Vieira	Yara de Moura	
João Batista Silva	Zuzana Paternostro	
João Carlos Esteves		
João Rodrigues		



Ministério da
Cultura





Museu Nacional de Belas Artes

www.mnba.gov.br

www.facebook.com/MNBARio

Av. Rio Branco 199 - Tel.2240.0068 - Centro - Rio de Janeiro

Cadernos Editados

1. Sergio Fingermañ
2. Malu Fatorelli
3. Manfredo Souzanetto
4. Daniel Senize
5. Gonçalo Ivo
6. Flavio-Shiró
7. Luiz Aquila
8. Thereza Miranda

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7081-056-4



9 788570 810564